

AINDA SOBRE O FRACO DESEMPENHO

(Valor Econômico - 28/10/2004)

No último artigo escrito, para esta coluna, sob o título "O fraco desempenho econômico", alertei os bons ministros da área econômica para o fato de que, em nível de padrões internacionais, o Brasil ia mal, pois seu crescimento atual é inferior ao dos demais países, principiando a melhora de sua "performance" a partir do patamar negativo de 2003. Duas recentes notícias internacionais fortalecem a tese que defendi, no referido artigo, de que há necessidade de maior empenho governamental em reduzir a estrutura esclerosada da máquina administrativa e dar maior segurança jurídica ao país, além de se combater mais severamente a corrupção.

A primeira delas foi a queda do país da nona para a décima-sétima posição, entre as nações com potencial de atrair investimentos, no mesmo momento em que a Rússia subia de 11º para 8º e o México pulava de 22º para 3º. Enquanto o Brasil descia 8 posições, o México subia 19, estando apenas atrás da China (1º) e EUA (2º).

As 3 grandes causas para este despencar na capacidade de atrair investimentos, deve-se, segundo os analistas, a: 1) dúvidas sobre regulamentação de investimentos; 2) melhores oportunidades em outros países e 3) percepção do grande risco ainda existente.

É de se lembrar que, no último ano de Fernando Henrique, o Brasil recebeu 16,6 bilhões de dólares de investimentos diretos, e, no primeiro ano de Lula, apenas 10,1 bilhões. Mesmo assim, com a fantástica queda do último ano de FHC para o primeiro de Lula, o Brasil conseguiu subir para a 9ª. posição. Ora, em 2004, o país está ainda pior, amargando a sua posição mais fraca no rol dos países receptores de capitais abertos (1999 - 4º, 2000 - 4º, 2001 - 3º, 2002 - 13º, 2003 - 9º, 2004 - 17º).

Por outro lado, em pesquisa diversa sobre o ranking da competitividade entre 104 países, o Brasil desceu para a 57ª. posição --estava na 54ª.--, atribuindo-se esse fato em grande parte ao "déficit fiscal". Tanto é assim que, no "ambiente macroeconômico" --um dos itens classificatórios-- o Brasil está em 80º lugar.

Enquanto o Brasil caiu, a Argentina subiu de 78º para 74º, apesar do populismo de seu governo atual.

Nesta valoração de competitividade, o Brasil também apresenta índices fracos em nível de tecnologia, qualidade das instituições públicas --em que pesam, a corrupção e a imponderabilidade do Judiciário-- competitividade de negócios e ambiente macroeconômico. Estou convencido --e já diversas vezes manifestei-me neste sentido-- de que as esclerosadas estruturas administrativas da Federação Brasileira provocam: lentidão na obtenção da prestação jurisdicional; obstáculo onerosíssimo para as empresas; carga tributária elevada para sustentá-las; nível de juros excessivos para captação de recursos e corrupção facilitada, pela complexidade da legislação das exigências burocráticas, sendo a corrupção tanto maior quanto mais complicada for a máquina pública ou a legislação a ela pertinente.

Compreende-se a necessidade de "superávit primário" elevado. Não se obtém, todavia, tal "superávit" apenas com aumento de arrecadação. Pode-se obtê-lo por racionalização das estruturas e profissionalização da burocracia, que é oposto da criação e preenchimento de cargos de comissão, partilhados entre correligionários e amigos.

Em meu recente livro "A queda dos mitos econômicos" (Ed. Thomson/Pioneira), procuro mostrar que, sem burocracia profissionalizada, formada por concurso entre os mais capazes, e enxugamento de estruturas arcaicas e multiplicadas, jamais um país ganhará competitividade, visto que a "burocracia apadrinhada" não tem maior interesse em fazer as estruturas funcionarem, visto que aquelas que aí estão são suficientes para que se mantenha no poder.

Os países parlamentaristas, que têm burocracia profissionalizada e Banco Central autônomo --requisitos fundamentais para que os governos funcionem, principalmente nas crises que levam às quedas de gabinete-- conseguem ter competitividade. Que o Brasil, sob a presidência de Lula, em quem a nação depositou e deposita confiança, comece a lançar os 3 grandes males de seu governo, ou seja: excesso de juros, excesso de tributos

e excesso de estruturas ultrapassadas. Ou o Presidente Lula vence esta batalha, ou continuaremos crescendo menos do que os demais países, nos bons tempos da economia mundial, e cairemos mais do que os outros países, nas crises cíclicas que certamente virão.